

## 1) AVÓS E NETOS NO MEIO DA NOITE

1) Como terá sido a noite esquecida de todas as memórias?

A primitiva noite ancestral da aurora da história em que um pequeno ser vivo depois chamado Homem chamou para perto da fogueira acesa o seu neto e apontando com dois dedos da mão uma estrela entre muitas do céu pronunciou pela primeira vez o seu primeiro nome? Com que gestos da mão e da fala rude, no entanto mais cheios de luz do que a fogueira e mais ainda do que as estrelas do céu teria acontecido aquilo um dia, no meio do silêncio da noite?

2) Como terá sido, anterior de mil milênios

uma outra noite ainda mais perdida na trilha do tempo em que um ancestral primitivo daquele primeiro homem terá descansado sobre os ombros do neto o braço e entre movimentos das mãos apenas e do olhar terá ensinado a ele pela primeira vez um segredo, num tempo em que sob as estrelas do espaço não existiam sequer as palavras? Sequer os nomes do mundo. Como terá sido o desenho daqueles gestos sem voz e tão humanamente simples que sob a guarda dos astros o avô e o neto adormeceram sem imaginar que havia ali o milagre de aprender, e que ali nasceu para o Homem o seu poder de ensinar & assim fazer que o saber não morra?

3) Que pássaros da noite e que outros astros do céu e que flores noturnas dessas cujo perfume tão cheio torna um momento da vida de mistérios, e que outros seres vivos do Universo

terão assitido uma vez e outra, separadas de um milhão de anos, aqueles instantes da história em que primeiro o gesto e depois a palavra terão criado o ato de inventar a troca de símbolos, de saberes e de sentimentos do mundo a que se deu depois o nome de prática de educação entre os homens e os filhos dos homens?

4) Entre gestos de amor e os da sabedoria primitiva:

movimentos das mãos, momentos do olhar, murmúrios de palavras e as primeiras frases do pensamento,

viajando por infinitas manhãs e noites

e multiplicando por mil a variação do inventário

dos modos de passar de geração a geração os segredos humanos do mundo de avô a neto e de aldeia a aldeia

a educação invadiu o planeta e fez do homem, homem.

Porque de nada vale o saber e a consciência,

se não existe o sentimento coletivo de a tudo tornar comum e repartir, como o pão e a fruta colhido no campo,

essas flores, que são os nomes que os homens inventam e através das quais dominam o mundo das coisas que tocam(1).

E com o homem por toda a parte a educação seguiu a sua viagem cheia de luzes e de sonhos e também de horas escuras, cheias de tormento.

5) Ao longo de um caminho de montes, e vales da história, que outros dias e outras noites primitivas terão testemunhado a trama dos mistérios em que, aprendendo com a vida a experimentar o fio da natureza, os homens do mundo a tudo transformaram tocando com as ferramentas das mãos e do espírito o repertório sem fim dos seus recursos e segredos? Eles, senhores de tudo, mas como todas as coisas onde a vida fez o seu caminho, filho do barro, da chama e da carne? Criando o mundo da Cultura que é o berço e a terra do Homem, a tudo deram nomes e sentidos. E sobre tudo tocaram com o sinal de seu poder: marcas do sangue dos sonhos do homem. E entre eles, à volta das fogueiras, na beira dos rios, dentro das choças nas noites das grandes chuvas, tocando uns os corpos dos outros: aprendiam e ensinavam e de novo ensinavam e aprendiam. E tal como fizeram os primeiros homens com os bens que o seu trabalho criava, fava e colhia, entre todos faziam circular os rituais do seu saber, para que os filhos fossem mais sábios do que os seus avós. Vivendo, experimentando o mundo, tocando com os mesmos gestos o que viam outros tocando com sabedoria os homens não só souberam aprender as lições que o próprio mundo dá ao ser tocado pelo corpo e com o pensamento a aprender com a vida que entre todos os seres é o melhor mestre, mas descobriram as lições de aprender uns com os outros através de vida coletiva, ao redor do calor dos corpos, olhando os dedos, do artesão e as mãos do sábio e murmurando dentro do espírito as palavras que ouviam(2).

- (1) Não esqueçamos de que o trabalho de dar sentido ao mundo é uma parte do trabalho de transformá-lo e fazê-lo humano, através do trabalho concreto sobre a terra e os frutos da terra.
- (2) "Foi assim durante milênios, em todas as sociedades ditas tradicionais onde a educação nunca constituiu um campo fechado, separado e especializado da atividade humana, tal como nós a conhecemos hoje, indissociável de todo um tecido de relações cotidianas, a formação de crianças e de jovens progredia à medida que eles viviam, que eles faziam coisas e que passavam por experiências no interior de uma comunidade viva cujo processo de auto-produção e de organização era fonte de todo o saber".

(Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira: Reflexão sobre Educação, 1979).

7) Como chão do clã tribal, no mapa vivo da aldeia, dentro-das-choças, nas primeiras roças seguindo atrás dos homens trilhas no meio da floresta, olhando em silêncio a mãe fazer da palha uma esteira, vendo o pai pescar com a lança e a perícia o peixe, como é que os meninos e as meninas das primeiras tribos das nações dos homens, sabiam cantar as canções e dizer as preces aos homens e deuses de seu mundo? Como todos aprendiam com o tempo a trama infundável dos nomes de tudo e relação complicada das categorias de pessoas com quem era dado conviver, cada uma a seu tempo, cada uma a seu modo: para amar, para trabalhar, para respeitar, para evitar, para brincar, para casar, para temer, para parir, para esperar, para ajudar a morrer?

E como é que os segredos de todos os caminhos dos mundos da tribo são guardados como a flor da memória do grupo e de uma geração a outra atravessam o sono dos séculos? Como se aprende a pronunciar entre balbucios de prece o nome terrível e amado dos seres sagrados que os mitos ancestrais da tribo inventaram e os seus ritos dançados no meio do pátio da aldeia fazem ser cheios de vida e de realidade? Como do adulto ao menino muitas vezes, em muitas eras e lugares passou de um ao outro o poder de invocar o artifício da magia, mãe da ciência do homem?

Como foi que o homem aprendeu a ensinar aos outros os nomes das coisas e do espíritos das coisas que a imaginação de muitos alunos e mestres povoou por toda a parte de todos os cantos os cantos da Terra: o fundo das águas e a escuridão das matas, o espaço azul e sem forma, o sol e a lua, o interior das plantas, a alma dos bichos, os ventos errantes do deserto? Como se fez um dia a arapuca e se ensinou o saber que havia nela? como aos poucos, como uma grande árvore que dia a dia viaja o tamanho de seu tronco em direção ao Céu, o domínio do homem sobre o mundo transformou-se na sabedoria do domínio, nos ritos humanos de sua posse e na solidariedade aprendida de fazê-lo ser de todos?

**II - TÃO GRANDE COMO TUDO O QUE É HUMANO É A EDUCAÇÃO**

8) Como quem de todas as coisas e nomes conhecidos é senhor, mas tal como a criança que precisa aprender cada passo do caminho do conhecimento que, ao mesmo tempo, habita a sua alma e o universo, o homem leu e releu pelo fio do tempo afóra lições de conviver com o mundo.

E para de dia transformá-lo segundo as imagens que toda a noite tinha, de muitas maneiras aprendeu a viver e a recriar a vida coletiva. Entre momentos irmãos e opostos de amor e ódio, para que na aurora de tudo sobrevivesse a frágil flor dessa vida, ele aprendeu a construir, a repartir e a ensinar os ofícios de fazer e pronunciar, como sábio-operário, os objetos do seu dia;

o arco e o cesto, a prece e a rede, o arado e o fio da sementeira, os braceletes e colares das festas do corpo dos seus filhos.

E de muitos modos, cada um de acordo com os seus rituais cada um segundo as leis que vivem no coração de cada cultura, entre todos da aldeia aprendeu a fazer circular de casa em casa: os bens do fruto do trabalho, as pessoas, os símbolos e os nomes. E de uma porta à outra e de um a outro coração entre todos passavam as trocas dos homens primitivos: peixes, pessoas e parábolas (3).

9) Assim, também a primeira educação existiu entre os homens e de mão em mão viajava de uma geração à outra como um rito novo a cada dia. Viajava levando e trazendo entre todos tudo o que velhos e moças transformavam em sinais de sentimentos do mundo; em sinais de um primeiro roçar na beleza e no poder dos objetos da vida. Todos os momentos do dia de todos os dias da vida eram para aprender e ensinar e de novo ensinar e aprender, vivendo e brincando, trabalhando e sendo (4).

E, portanto, em nada diferente a um brinquedo de meninos, a um momento do arfar do amor entre dois corpos ao mistério de assistir juntos o passeio de uma estrela cadente, ou ao trabalho rotineiro que desperta do chão o verde da semente, a educação corria de mão em mão no bailado de qualquer gesto. E foi quando ela não teve sequer esse nome e nem um outro qualquer, porque livre, solta da amarra de possuir donos e guardiões, entre voltas de fogueira à noite, silêncios e trilhas, como as flores do campo que todos colhem e carregam para casa, a educação solidária amadurecia o futuro que o saber semeava.

(3) Alguns antropólogos lembram que para resolver a difícil questão de sua própria sobrevivência, os homens precisaram aprender a transformar o mundo de natureza em mundo de cultura. Precisaram também viver juntos, e a experiência do homem é a de sua vida coletiva. Para preservar a vida coletiva que os fez homens, precisaram aprender a fazer circular os seus bens (trabalho sobre a natureza), mulheres (trabalho sobre a sua própria ordem social) e as suas mensagens (trabalho sobre os seus símbolos).

(4) "Sob regime tribal, a característica essencial da educação reside no facto de ser difusa e administrada indistintamente por todos os elementos do clã. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores (Émile Durkheim, apud: O que é Educação, 1981.)"

A ideia de que ninguém era especialmente designado para o exercício de ensinar deve sugerir também a ideia de que, portanto, ninguém era dono do privilégio de deter para si o saber, ou de ensinar. Ninguém era dono de quem ensinava e o conteúdo dos vários "saberes" do grupo distribuía-se de modo equilibrado entre categorias naturais (homens, mulheres, crianças, adultos, ou sociais de sujeitos (guerreiros, feiticeiros, artesãos)).

10) Quando cresceram em bens e gentes as aldeias, dos filhos do homem e o fruto do trabalho sobre a terra fértil da beira dos rios multiplicou finalmente muitas vezes a qualidade de grãos de cereais e produziu a sobra que mudou o uso e a troca solidária em posse e na troca interessada que gerou a riqueza, então entre os homens enfim nasceu a desigualdade. (erva daninha no campo de flores e frutos que até então havia), e as pessoas do mundo começaram a aprender a sua pior lição. Foi quando uns foram donos do gado e outros do dever de vigiá-lo, e acumularam uns grãos do trigo, e outros a obrigação do plantá-lo e as mãos de alguns teciam o fio do pano da roupa dos outros. E sobre os primeiros mundos divididos do homem tornaram-se uns donos da terra e da beira dos rios, e dos córregos e das cidades e do poder de dizer: "este é o meu domínio" e do domínio do corpo do escravo que para eles colhia o trigo e construía as cidades(5).

11) Então o saber, filho do trabalho, das mãos sobre a terra, dividiu-se também entre os filhos dos homens. Através do trabalho, do poder e do saber dos nomes divididos os homens aprenderam a esquecer a lição de sabedoria de juntos se olharem nas águas do espelho de um mesmo lago sem donos, como irmãos.

E o que fora repartido entre todos: nomes, saberes e segredos perdeu um dia a sua própria existência de nomes e se fez o poder de um segredo a educação.

Tal como o grão de trigo roubado da mesa do pobre para o celeiro do rico, tal como o gado que engorda sozinho nos pastos onde antes havia campos livres e lavouras de todas as cores, tal como as pessoas agora servas do poder de poucos dominarem o mundo, uma parte da arte e do ofício que havia em ensinar-e-aprender.

(5) (Perguntas de um operário letrado). "Quem construiu Tebas, a das sete portas? / Nos livros vem o nome dos reis. / Mas foram os reis que transportaram as pedras? / Babilônia, tantas vezes destruída, / Quem outras tantas a reconstruiu? / No dia em que ficou pronta a Muralha da China, para onde foram os seus pedreiros? / Em que casas / Da Lima dourada moravam seus obreiros? /

A grande Roma / Está cheia de arcos de triunfo. / Quem os ergueu? / Sobre quem / Triunfaram os Cesares? / A tão cantada Bizâncio / Só tinha palácio / Para os seus habitantes? / Até a legendária Atlântida / Na noite em que o mar a engoliu / Viu afogados gritar por seus escravos // O jovem Alexandre conquistou as Índias / Sozinho / César venceu os gauleses. / Nem sequer tinha um cozinheiro a seu serviço? / Quando a sua armada se afundou Felipe de Espanha / Chorou. / E ninguém mais? / Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos / Quem mais a ganhou? / Em cada página uma vitória / Quem cozinhou os festins? // Em cada década um grande homem. / Quem pagava as despesas? // Tantas histórias / Quantas perguntas". Bertold Brecht.

dividiu-se igualmente entre as mãos dos senhores e as ciências dos seus emissários, sujeitos de vestes alvas e mãos delicadas, esquecidas de segurar os dois varais do arado(6)

12) De quem são as estrelas e os nomes das estrelas? De quem é a sombra da mangueira, seu fruto e seu nome? De quem é o saber que das estrelas e nomes fez deuses e lendas, cantigas e danças, rumos e guias nas viagens pela Terra? Como é que então o homem dividiu os nomes das coisas da vida e o saber dos nomes e o poder de decidir quais os nomes que cada ser humano pode saber, ser e pronunciar? Como é que então o homem dividiu o sagrado poder de, ao dizê-los, a tudo nomear e possuir: opondo o forte ao fraco, o senhor ao servo, o colonizador ao colonizado, e o mestre que em nome do senhor ensina ao mestre que escondido ensina em nome da comunidade.

13) Acaso teremos esquecido -- educadores de hoje, em nome de quem -- Acaso esquecemos essas lições da história ou dela fazemos os mitos de nossas próprias lições? Então tudo foi como se uma canção fácil - dessas sugidas na praça de aldeia sem que ninguém saiba de quem, o que as pessoas juntas soubessem entoar em flautas de madeira e ossos e dançando soubessem rememorar a sua própria história - se refugiasse prisioneira e guardiã de templos e palácios, onde apenas sete iniciados em setenta mil soubessem tocá-la ainda, difícil, em flautas de ouro e cantar para ouvirem e dançarem sete em setecentos mil, para sete em sete milhões de filhos dos homens verem e aplaudirem no meio da noite, sob tetos sem estrelas. Sete senhores que fazem a festa e pagam os músicos depois de haverem separado o trigo da palha e o saber do poder do saber do trabalho e os hinos do rei dos cantos dos escravos e os instrumentos de ouro dos de madeira e couro aqueles que vestem as vestes brancas e livram a mão do arado dos que rasgam nos ferros do arado a roupagem de tranas. Depois de haverem separado a multidão dos muitos de uma música que ficou difícil sem ser sábia, e se aprisionou no corpo e na entonação da voz dos que puderam seguir aprendendo os nomes que nomeiam o mundo e o seu poder.

14) (ver nota \*(6) no final)  
Tão grande como tudo o que é humano é a educação  
e também tão corriqueiro e tão terrível.  
Ela não vive apenas na escola e no sistema, mas na vida.  
E todas as suas teorias, métodos e artifícios pedagógicos  
não tornam a sua pequena trama de trocas entre as pessoas  
muito diferente do que tem sido entre conversas de avós e netos.

nada existe nela do eterno ou do absoluto.  
Não é a obra direta de deuses quando eles descobrem  
que os homens precisam aprender, Não é um deus  
e sequer é anterior ao homem.  
Como tudo o que ele aprendeu a fazer e a repartir  
ela é filha do trabalho e é ela própria um trabalho do homem.  
Apenas, como outro, um trabalho mais difícil.  
Porque é o que o homem faz sobre a matéria de seu próprio espírito  
e lavra e planta no campo do seu próprio corpo.  
Ela apenas existe entre os homens e os ajuda a fazer a sua cidade.  
Por isso, quando dentro dela o homem transforma  
as regras do trabalho e as leis da divisão dos seus frutos,  
do mesmo modo a educação muda os seus nomes,  
e varia de um sistema ao outro os princípios do trabalho de que é.

15) / Apenas aqueles que pretenderam obrigar o educador  
e ser menos humano e não estar, como todos, entre todos,  
disseram a ele que o trabalho da educação é um ofício supremo,  
separado dos outros, de que o professor apesar do salário de miséria  
é um sacerdote de vestes brancas e não pode ser, portanto, um profeta.

Mas os reis que sobre mundos de homens divididos  
disseram ao mestre que ele é sempre apenas o que ensina,  
com a mesma luz da ciência que dizem que carrega,  
esqueceram de contar ao que o saber semeia,  
que a mesma luz que às vezes ilumina  
é um fogo vivo que outras vezes incendia.

É quando iludem aqueles que dizem ser igual e de todos os homens  
a educação de que se servem distribuindo desigualmente o saber  
que o trabalho do camponês e do operário sustenta dia a dia,  
esquecem de lembrar que a palavra é apenas uma outra arma  
que o homem que aprende usa para transformar o mundo,  
até quando a mão do povo invente a aurora da linguagem  
de um mundo finalmente de homens libertados.

### III - VIVER A EDUCAÇÃO AQUI, HOJE.

16) / O educador não é um artesão parado no tempo,  
porque a educação não é o culto de si mesma e nem o do passado.  
Por causa de seis ou sete sonhos de um mundo que há de vir,  
(maldito o educador que não os tem todas as noites)  
ele não pode esquecer as tarefas de hoje  
e as questões de agora, aqui: no Brasil em outubro de 1981  
as duas horas da tarde.  
Mestre é quem sabe ser um homem de seu tempo  
e a quem nada do que é humano seja indiferente (?).  
A primeira lição que entre nós precisamos nos ensinar e aprender  
é a das palavras de nossa própria condição, a cada dia.

17) São caso por caso, mensagens os educadores e, talvez  
agora do que ontem, menos do que amanhã,  
não são senhores de suas próprias falas

Não aprendemos ainda plenamente a inverter a lição da sala de aula até fazê-la ser a palavra reinventada dos que perderam a voz.

Não somos reis e nem servos, nem senhores nem alunos, mas o caminho que entre eles se estende.

a primeira lição que entre nós precisamos nos ensinar e aprender é a de nossa própria condição a cada dia e a da condição do mundo em que vivemos e a daquelas a quem o nosso trabalho deve servir por compromisso humano, e não apenas por dever de ofício.

Até quando esquecer que se não tomarmos entre as mãos o leme de nosso próprio horizonte, outros o farão por nós, e contra nós e contra a aurora do mundo que nasce a meio caminho entre o horizonte e o trabalho do povo? (8).

Vivemos agora num mundo às avessas, exatamente porque tudo à nossa volta parece tão normal e costumeiramente necessário.

(7) Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro/ Estou preso à vida e olho os meus companheiros/ Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. / Entre eles considero a enorme realidade. / O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. / Não serei o cantor de uma mulher de uma história. / Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela, não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida, / não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins. / O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes / a vida presente." Carlos Drummond de Andrade. Mãos Dadas.

(8) "Na primeira noite eles se aproximam / e colhem uma flor / de nosso jardim / E não dizemos nada / Na segunda noite, / já não se escondem: / pisam as flores / matam nosso cão, / e não dizemos nada. / Até que um dia, / o mais frágil de todos entra sozinho em nossa casa, / rouba-nos a lua e, / conhecendo o nosso medo, / arranca-nos a voz da garganta. / E porque não dissemos nada, / Já não podemos dizer nada".

Maiakowsky.

Com as mãos brancas de giz ensinamos num mundo tão enlouquecidos justamente porque recria a sua ordem de trocas desiguais entre os homens, por cima de idéias, hábitos e leis que parecem tão humanas.

Há reis, ricos, senhores e há servos e nos ensinam a ensinar que a todos deve servir a educação, esquecida de ser a questão de tudo isso.

Os senhores governam, os servos desigualmente aprendem a serem governados e o professor ensina que "a ave é do Ivo", que "Cristóvão Colombo descobriu a América", que o plural de "cidadão" é "cidadãos" e que a raiz quadrada de 900 é 30".

18) Somos mensageiros e pontes dos seres de um mundo onde muitas vezes o senhor usa o nosso ofício para dar nomes e, assim, consagrar a desigualdade que o seu ofício de poder criou.

Mas se assim tem sido até aqui, não há porque não duvidar de que assim tenha que ser para todo o sempre.

Tudo o que existe antes, dentro e depois do ofício de educar existe no interior de relações de trocas vivas, onde o trabalho sobre o mundo e entre os homens é o único poder que tem o dom de tudo transformar.

Pensar a nossa própria prática como um trabalho entre outros, recriá-la e fazê-la transformar-se em cada uma de suas esferas: a da sala-de-aula, a da escola, a do sistema, a do lugar do sistema entre outros do nosso mundo agora.

Imaginar que a educação existe muito mais imensa do que a escola e que educadores somos todos os que temos

o olhar dirigido ao horizonte de um mundo de homens livres, mas com as mãos e o coração metidos nas questões e nos caminhos de agora,

entre as pessoas do mundo, os homens do povo

de quem devemos ser, mais do que mestres

e muito mais do que meros mediadores de um poder supremo,

irmãos e companheiros da lição humana de um mesmo caminhar(9).

Campinas, 21 de outubro /81

Carlos Rodrigues Brandão.

(9) -....."Do palácio branco raiará a luz do mundo antes do século/ O rei da morte será o rei da vida/ O povo pobre será o povo rico/ A cruz desaparecerá e os símbolos serão infinitos"

(último poema escrito por Glauber Rocha).

\* (6)

"Os primeiros latinos foram composeses aos poucos enriquecidos e, alguns, tornados nobres na Península Itálica. Ali aconteceu como em tantas outras partes do mundo. Classes sociais que aos poucos chegaram a ser 'privilegiadas' e separaram a direção do trabalho do próprio exercício do trabalho, separando isso as forças produtivas mentais das físicas, desempenharam antes funções úteis. Primeiro, entre os romanos, o trabalho é entre todos, e o saber é de todos. Os primeiros reis de Roma punham com os súditos as mãos no arado e lavravam a terra.

(Carlos Rodrigues Brandão. O que é Educação? 1981).

Maria Duarte  
2748412